

## A ASCENSÃO DA CAVALARIA: A TRANSFORMAÇÃO DESTA ARMA NA PRINCIPAL FORÇA MILITAR MEDIEVAL<sup>1</sup>

Ângelo Cornélio<sup>2</sup>

**Resumo:** No longo período da história europeia denominado como Idade Média, observam-se através de iluminuras, tapeçarias, novelas e na própria literatura histórica, a presença constante do cavaleiro. Seja como o amante cortês das novelas e iluminuras ou como o guerreiro destemido das cruzadas, este personagem faz parte do imaginário do medievo. Assim sendo, o que teria levado a cavalaria a tornar-se tão predominante no período medieval? Uma análise detalhada sobre o recrutamento e a utilização destas tropas ainda no Império Romano bem como a sua consolidação no período carolíngio permite compreender as motivações que tornaram possível à cavalaria tornar-se a protagonista nas guerras medievais.

**Palavras-chave:** Cavalaria. Cavaleiro. Carlos Magno.

### 1 INTRODUÇÃO

A Idade Média foi um período da história europeia com uma duração de aproximadamente mil anos – de 476 d. C. até 1453 d. C. – onde se observou a ruptura do classicismo da Antiguidade e viu-se surgir uma cultura que mesclava elementos dos romanos e dos germanos. Ainda, a influência do Islã e a magnífica riqueza de Bizâncio fizeram desta sociedade a precursora do que seria a Europa Absolutista (moderna).

A destruição do império do ocidente pelas hordas bárbaras acabou com séculos de organização política, bem como a estrutura militar vigente em Roma se desfez frente à nova forma de se fazer guerra dos germanos. O novo modelo que se estabeleceu levava em conta a figura do líder guerreiro e viu-se surgir pequenas organizações políticas de modo que se fragmentou o poder. Pode-se dizer que a instituição romana que sobreviveu e se fortaleceu nesta passagem da Antiguidade para o medievo foi a Igreja. A ascensão do Islã no século VI e sua penetração na Europa pela Península Ibérica contribuiu para que se criasse uma cultura

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História Militar. Orientador Prof. Dr. Cel. Luiz Carlos Carneiro de Paula.

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de História Militar da Universidade do Sul de Santa Catarina. angelo.88ac@gmail.com

característica nesta região principalmente no tocante à arquitetura. Ainda, pode-se dizer que a riqueza de Bizâncio (tanto cultural quanto propriamente de riquezas) – o Império Romano sobrevivente – enchia os olhos da população europeia principalmente no tocante às relíquias sagradas do cristianismo.

A reorganização da Europa sob um Império levou anos para se concretizar e ocorreu sob a figura de Carlos Magno. Contudo, esta unidade não durou muito e após sua morte, o Império foi dividido entre seus descendentes originando o reino Franco, os reinos do norte da Itália (que séculos depois seria unificado com os estados do sul da península) e o Sacro Império Romano-Germânico (que se unificou como Império Alemão na segunda metade do século XIX).

Contudo, ao voltar o olhar para o período medieval, a imagem mais recorrente é certamente a dos castelos e dos cavaleiros. Estes elementos que evocam, ou ainda, foram criados para a guerra mostra que a imagem pitoresca (romântica para dizer a verdade) que erroneamente se cria no imaginário não existiu. Ao contrário, este período foi marcado por guerras (assim como toda a história humana) onde os objetivos da contenda variavam de simples vingança entre “vizinhos”, passando por *vendettas* entre irmãos. Grandes batalhas foram travadas neste período como, por exemplo, as lutas contra os muçulmanos na Península Ibérica, guerras para consolidação do Império, para defesa contra invasões vikingues e ainda as Cruzadas e a Guerra dos Cem Anos.

O elemento comum que liga todos estes conflitos – pequenos e grandes – é sempre o mesmo: o largo emprego da cavalaria. Ao contrário do que se observou na Antiguidade onde se tinha tropas de infantaria (falanges macedônicas e de Alexandre, Legiões romanas) manobrando e esmagando grandes contingentes adversários, nas guerras medievais a cavalaria ditava as regras no campo enquanto a infantaria, cada vez mais desprestigiada, adquiriu um papel de tropa auxiliar.

Ao ver este cenário cabe a seguinte questão: qual teria sido o motivo desta mudança significativa? O que teria levado a cavalaria (antes uma Arma auxiliar) a tornar-se a Arma principal? A busca por estas respostas permite lançar um novo olhar para a Idade Média de modo que se possa entender melhor a guerra neste período e ainda o que ela representava para esta sociedade.

Em busca de respostas para o questionamento, foi delineada uma pesquisa de revisão bibliográfica, a fim de levantar dados que pudessem ser aplicados para discorrer de forma satisfatória sobre o assunto. Assim, foram pesquisados livros de medievalistas, de história militar bem como artigos de simpósios em que o tema cavalaria medieval fosse recorrente.

Após o levantamento de dados, foi redigido um artigo que buscou responder às inquietações que nortearam este trabalho. Para tanto, foi delineado um caminho a ser percorrido de modo que o recorte temporal a ser analisado foi delimitado entre os séculos V e XI respectivamente. Desta forma, foi possível compreender a ascensão da cavalaria medieval enquanto uma Arma do exército. Após o século XI temos uma cavalaria diferente daquela pesquisada, pois já há aí não mais uma Arma e sim uma instituição – a Cavalaria.

A pesquisa buscou encontrar as origens da cavalaria como sendo uma tradição germana que encontrou no seio do exército romano (ainda como tropa auxiliar nos tempos de César) um meio de expandir e tornar importante durante a Antiguidade Tardia. Na sequência, procurou compreender como se deu a consolidação desta Arma no período carolíngio. Carlos Magno foi o grande responsável pela cavalaria ter se transformado na principal força militar utilizada nas guerras medievais. Por fim, observou a influência da Igreja na cavalaria de modo que se modificou o pensamento militar da época execrando a vingança, a luta entre cristãos bem como em períodos específicos levando a cavalaria a transformar-se na Cavalaria.

## **2. A ascensão da Cavalaria: de Roma para o medievo.**

No longo período de quase mil anos na qual a historiografia convencionou chamar de Idade Média a guerra foi caracterizada pelo largo emprego de tropas a cavalo. A cavalaria medieval, presente em iluminuras, tapeçarias e textos medievais, representa uma característica marcante para a época estudada, pois, ainda hoje, ela faz parte do imaginário popular quando se menciona o período.

Contudo, este período não representou uma evolução na arte da guerra, ao contrário, houve segundo Cordolino<sup>3</sup>:

[uma] estagnação da arte militar, pois não havia nenhuma modificação nos processos de combate em relação aos da Antiguidade clássica, na qual a luta tinha aspecto brutal e cruel, e o combate era quase individual, atenuada aquela ferocidade pela doçura do Cristianismo, já difundido por esse tempo.

Se no início do medievo, ou Alta Idade Média, a guerra não diferia tanto da praticada na Antiguidade, no período Feudal, ou Idade Média Central, ela permaneceu inalterada surgindo, contudo uma instituição que moldaria a sociedade e introduziria regras que atenuariam o modo de se fazer a guerra – pelo menos em teoria e entre cristãos – a Cavalaria.

Sobre este novo modelo de luta, Franco Júnior escreve que esta “não envolvia grandes tropas de combatentes anônimos, como nas legiões romanas ou nos exércitos nacionais modernos: a guerra feudal era feita por pequenos bandos de guerreiros de elite, os cavaleiros”.<sup>4</sup>

Dito isto, cabe o seguinte questionamento: o que teria levado o combatente a cavalo a se tornar tão importante no período medieval? Primeiro, é preciso procurar suas origens que remontam ao período da queda do Império Romano e sua conseqüente germanização. Depois, observar a utilização desta força por Carlos Magno, “o maior e único guerreiro [...] desse período”.<sup>5</sup> E por fim a influência que a Igreja exerceu sobre a cavalaria de modo que esta se transformou em instituição.

A decadência da infantaria frente ao grande emprego da cavalaria nas guerras do período medieval pode ser entendida como um reflexo direto da decadência do Império Romano do Ocidente frente às hordas bárbaras que adentraram seu território no século V d.C.

Durante a Antiguidade, em especial na história de Roma, as guerras eram travadas entre grandes exércitos (legião) onde a infantaria era a mestra do combate. À cavalaria, restava um papel de tropa auxiliar assim como arqueiros e fundibulários.

---

<sup>3</sup> AZEVEDO, Pedro Cordolino F. de. **História Militar**. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca do Exército, 1998. (pág. 114).

<sup>4</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. 2ª Ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 2001. (pág. 30).

<sup>5</sup> AZEVEDO, Pedro Cordolino F. de. (pág. 114).

Este grande exército romano de caráter nacional, só era possível de ser mobilizado em decorrência da centralização do poder: seja na forma de república ou sob a figura do imperador.

Durante a conquista da Gália, ao perceber que os cavaleiros gauleses eram mais hábeis que os romanos, César passou a recrutar cavaleiros entre os germanos:

Vendo ser-lhe o inimigo superior em cavalaria, e não poder ser ele em coisa alguma auxiliado da província e da Itália, por se acharem tomados todos os caminhos, manda César além Reno àquelas cidades da Germânia, que havia pacificado nos anos precedentes e delas tira cavaleiros e peões armados à ligeira, avezados a combater entre eles.<sup>6</sup>

Esta prática de recrutar povos conquistados para as fileiras da Legião, como os germanos entre outros, acabou por tirar o caráter nacional do exército romano e ainda fez decair a disciplina entre estas tropas. Desta forma,

esquecendo-se das suas tradições de renúncia, sacrifício e trabalho, se entregou à ociosidade, às competições políticas, e, mesmo para se eximir das suas responsabilidades e de suas obrigações, passou a aceitar, em suas fileiras, mercenários estrangeiros indisciplinados e sem amor à terra a que serviam.<sup>7</sup>

Isto ocasionou uma crescente penetração de povos bárbaros no território do Império o que culminou em sua queda. A respeito disto, Bragança Júnior escreve:

Integrados às tropas auxiliares, os esquadrões de cavalaria do Tardo império foram impotentes diante dos povos germânicos que transpuseram definitivamente as fronteiras do *limes* no século V, contudo foram decisivos para a gênese de um novo tipo de *miles* que, de certa maneira, viria a definir os contornos da nova época, a Idade Média.<sup>8</sup>

Vencido o último imperador romano do ocidente, inicia a nova fase da História europeia onde já não se veria mais o combate entre grandes infantarias: ao

---

<sup>6</sup> C. JÚLIO CÉSAR. **Comentarii De Bello Gallico VII (65)**. E-book. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/cesarPL.pdf> . Acesso em: 25 de junho de 2019.

<sup>7</sup> AZEVEDO, Pedro Cordolino F. de. (pág. 86).

<sup>8</sup> BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. **A Cavalaria na Idade Média – Entre a guerra e a civilização**. (pág. 57). Anais do I Encontro de História Militar Antiga e Medieval. Palacete Laguna, Maracanã, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 2011. Disponível em: <http://www.historiamilitar.com.br/wp-content/uploads/2017/08/RBHM-III-07.pdf> . Acesso em: 25 de maio de 2020.

contrário, a herança cultural germânica falaria mais alto frente à tática e a disciplina militar romana e pouco a pouco, o combatente a cavalo se tornaria a principal peça nas guerras travadas no período. Desta forma,

na chamada Alta Idade Média, quando havia intensas influências e contatos entre os europeus e os povos ditos “bárbaros” que ainda chegavam à Europa, a cavalaria possuía uma importância fundamental não só em relação ao poder militar que ela representava, mas também em relação aos valores guerreiros que ela transmitia: aspecto sagrado associado ao cavalo, o culto da espada, valorização da coragem, veneração da força física, indiferença perante a dor, menosprezo da morte, destreza militar.<sup>9</sup>

Assim sendo,

entre os séculos V e VII assiste-se nas monarquias germânicas ao estabelecimento de laços mais sólidos entre os proprietários de cavalos, que se tornaram guerreiros destacados, e os seus líderes, em um tipo de aliança sobre a qual posteriormente se assentará a base do modelo feudal.<sup>10</sup>

Contudo, percebe-se que esta força militar que desponta é reservada a uma aristocracia. Conforme o costume germânico, “essas tropas de elite não são abertas a qualquer um. O prestígio dos ancestrais, os méritos de um pai, ou seja, todo um valor reconhecido, um renome socialmente alimentado são o critério da escolha;”<sup>11</sup> ou como escreve Bloch, “para dispor de uma montada de guerra e equipar-se da cabeça aos pés, era preciso gozar de certo desafogo ou receber subsídios de alguém que fosse mais rico”.<sup>12</sup>

O caráter aristocrático da Cavalaria pode ser observado em um capitulário de 792 onde “servir a cavalo e com couraça é reputado como possível ao possuidor de 12 mansos (partes que compunham um feudo), enquanto quatro mansos podem prover um infante”.<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> SOUZA, Neila Matias de. **Cavalaria, Igreja e Sociedade na Idade Média do século XIII**. (pág. 2). In: XIV ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO. Rio de Janeiro, 19 a 23 de julho de 2010, UniRio. Disponível em: [http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/8/1276743072\\_ARQUIVO\\_artigoanpuhRioNEILA.pdf](http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/8/1276743072_ARQUIVO_artigoanpuhRioNEILA.pdf). Acesso em: 25 de maio de 2020.

<sup>10</sup> BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. (pág. 57).

<sup>11</sup> BARTHÉLEMY, Dominique. **A Cavalaria: da Germânia antiga à França do século XII**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010. (pág. 39).

<sup>12</sup> BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. (pág. 186). E-book. Disponível em: <https://portalconservador.com/livros/Marc-Bloch-A-Sociedade-Feudal.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

<sup>13</sup> BARTHÉLEMY, Dominique. (pág. 97).

A chegada de Carlos Magno ao poder corrobora o elitismo da Cavalaria – “a qualidade de seu armamento não tem precedentes, e seu preço tampouco”<sup>14</sup> - ao mesmo tempo em que lança as raízes em direção à instituição que se tornaria. Barthélemy escreve o seguinte:

[...] os indícios do desenvolvimento da cavalaria e de sua identificação com a nobreza, nos séculos VIII e IX, abundam [...]. Os progressos técnicos do armamento, especialmente das espadas e couraças, parecem orientados, por uma verdadeira lógica social do tempo, para o reforço e a proteção do cavaleiro nobre. Ao mesmo tempo, uma moral mais insistente torna odioso o homicídio entre cristãos [...] e sugere à classe dominante que dê preferência à reputação da justiça àquela de ferocidade, ou ao menos que, sem renunciar ao orgulho guerreiro franco, descubra uma vocação na defesa das igrejas e dos fracos”.<sup>15</sup>

Dito isto, temos o seguinte:

A partir do século VIII, [...], os *socii* (companheiros) de lutas do rei e futuro imperador cristão adquirem um prestígio que lhes permite definir um padrão linhagístico que os faz sobressair ainda mais dentro do sistema social do alto medievo. Encarregados da guarda e defesa dos territórios régios, condes, viscondes, margraves e landgraves constituem um grupo especial, a cujos filhos caberá um papel fundamental no centro e baixo medievo – consolidar um novo modelo de guerreiro, montado, viril, porém com propósitos cristianizadores [...].<sup>16</sup>

No reinado de Carlos Magno a guerra toma novas proporções onde “em nome da moral cristã”<sup>17</sup> são abomináveis as vinganças entre cristãos. Ao contrário, “é a hora de praticar vinganças coletivas e públicas contra males causados ao povo franco por seus vizinhos”.<sup>18</sup> Desta forma, destaca-se a campanha de Carlos Magno contra o Islã.

A despeito destas guerras contra o Islã, Bloch sinaliza uma possível justificativa para a decadência da infantaria frente à cavalaria na Idade Média: “[...] tem-se pretendido ver nela um efeito das invasões árabes: para sustar o embate dos cavaleiros sarracenos ou para os perseguir, Carlos Martel teria transformado os seus Francos em cavaleiros”.<sup>19</sup>

---

<sup>14</sup> BARTHÉLEMY, Dominique. (pág. 101).

<sup>15</sup> Ibid., (pág. 93).

<sup>16</sup> BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. (pág. 57).

<sup>17</sup> BARTHÉLEMY, Dominique. (pág. 104).

<sup>18</sup> Ibid. loc. cit

<sup>19</sup> BLOCH, Marc. (pág. 187).

Por fim, tem-se que “por volta do ano 1000, forma-se, no seio daquela sociedade, uma nova classe social, com uma nítida característica que a distingue: ela é uma classe que cavalga, a classe dos cavaleiros”.<sup>20</sup> Sobre isto temos: “a cavalaria nem mais podia ser considerada uma arma. Ela se transformou numa instituição. Coberta de armaduras pesadas e prestigiada por leis especiais, lutando sozinha, tinha seu código de honra, seu modo especial de combater”.<sup>21</sup>

A cavalaria medieval tendo suas raízes na Germânia dos tempos de Roma iniciou sua ascensão como arma auxiliar das Legiões. A queda do Império e a germanização da Europa favoreceram para que a infantaria fosse perdendo seu espaço – porém nunca suprimida – para a cavalaria. Esta arma atingiu níveis de elitismo no período carolíngio e acabou por transformar-se em instituição – com regras e códigos próprios – no período feudal de modo que “logrou, naquela época, ser a representante militar do poder em voga”.<sup>22</sup>

### **3. Discussão.**

A análise documental levantada permite inferir sobre alguns fatores que levaram a cavalaria a ser amplamente utilizada nas guerras medievais. Em primeiro lugar têm-se a herança cultural germana que adentrou pouco a pouco no exército romano; depois, as estruturas sociais vigentes no período medieval favoreceram ou mesmo forçaram à ascensão da cavalaria como arma principal dos exércitos.

A estrutura política resultante da fragmentação do Império Romano do Ocidente fez surgir um novo estilo de guerra onde não havia mais o emprego de grandes contingentes, mas, era antes, um combate entre nobres. A organização social e política do período carolíngio bem como a intervenção da Igreja vieram para sacramentar as raízes do que seria mais tarde a Instituição da Cavalaria com seus códigos e honrarias.

#### **3.1. A Antiguidade Tardia e a herança germana.**

---

<sup>20</sup> SOUZA, Neila Matias de. (pág. 3).

<sup>21</sup> AZEVEDO, Pedro Cordolino. (pág. 120).

<sup>22</sup> Ibid., (pág. 121).

O recrutamento de povos conquistados por Roma para integrar as fileiras do exército não é exclusividade da Antiguidade Tardia. Ao contrário, isto é registrado desde o período republicano (Reforma de Camilo) onde [o exército] “era completado pelas tropas aliadas (*socii*) e pelas tropas auxiliares (*auxilia*), formadas de mercenários bárbaros, tais como os arqueiros (*sagitarii*) cretenses e os fundibulários (*funditores*) das Baleares<sup>23</sup>,<sup>24</sup>”.

O recrutamento de cavaleiros germanos é registrado pelo próprio César em seu Comentário das Guerras Gálicas onde trata os cavaleiros gauleses superiores aos romanos sendo assim necessário o recrutamento dos cavaleiros de origem bárbara para auxiliar na campanha.

A crise política registrada no período denominado de Antiguidade Tardia com a divisão do Império em Ocidente e Oriente, favoreceu o enfraquecimento das fronteiras e a penetração de povos de além Reno no território. A miscigenação verificada no exército romano neste período foi ruim para a disciplina da tropa como menciona Cordolino, pois, esta já não possuía mais um espírito nacional.

Estes povos que adentraram em Roma eram guerreiros por natureza: “Os germanos são criados de forma dura, sem diferença palpável com seus servos e sem se aproximarem das moças. Eles são aguerridos, castos e hospitaleiros e preferem viver em um isolamento orgulhoso. A fonte da munificência está na guerra e na pilhagem.”<sup>25</sup>

Contudo, para estes germanos, diferentemente dos soldados romanos que lutavam em troca de um soldo e sob disciplina rígida, a motivação para guerra dependia de uma virtude de mérito, honra e promessas e possibilidades de pilhagens.

Estes guerreiros não viam com bons olhos o trabalho “braçal” de cultivar a terra e achavam errado conquistar com o suor do trabalho o que se poderia conquistar a partir da guerra e da pilhagem. Em outras palavras, os germanos eram homens de guerra, mas com ressalvas: dependiam de motivações diferentes das dos romanos. E ainda, a guerra era atribuição exclusiva da nobreza (o chamado

---

<sup>23</sup> Arquipélago do Mediterrâneo na Costa da Espanha.

<sup>24</sup> GIORDANI, Mário Curtis. **História de Roma**. 18ª edição. Petrópolis: Vozes, 2012. (pág.139).

<sup>25</sup> BARTHÉLEMY, Dominique. (pág. 34).

imposto de sangue). Contudo, não era vedado aos servos lutarem: estes não tinham a obrigação de lutarem, mas podiam fazê-lo caso fosse necessário.

Tornar-se guerreiro entre os germanos era um rito de passagem onde o jovem recebia as armas numa cerimônia conhecida por *adubamento*, muito similar à sagração do cavaleiro medieval. Observa-se, portanto, uma estrutura organizacional com muitos elementos que serão vistos no medievo. Os guerreiros, todos “bem nascidos”, possuidores de um cavalo e de uma espada (elementos que os diferenciavam dos outros) se organizavam em *hostes*<sup>26</sup> ou Companhias junto aos líderes (*princeps*). Estes homens de guerra só podiam ser recrutados por chefes que possuíam certa riqueza.

### 3.2. A consolidação da elite guerreira no período Carolíngio.

Estabelecida a “nova política” na Europa, as guerras, que antes eram eventos destrutivos com o choque de grandes contingentes e uma estrutura militar organizada e disciplinada, tomam um contorno diferente e se transformam em eventos localizados e muitas vezes com aspecto de vinganças entre líderes onde o uso da hoste de cavaleiros é a ordem do dia. Nestes confrontos, mais do que a derrota esmagadora do inimigo, o objetivo passa a ser muitas vezes a captura do adversário para exigir-se um resgate a altura de sua posição social: quanto mais importante seu título ou mais rico seu suserano mais era exigido como prêmio.

O elitismo que tomou conta da guerra medieval foi consolidado no reinado de Carlos Magno. O emprego da cavalaria na Idade Média é antes de tudo fruto da própria relação social existente no período. Não se trata, portanto, de uma inovação técnica ou tática. Ela se deu porque era o meio de elitizar a guerra.

A sociedade organizada nos três estados implicava que sempre haveria um suserano e um vassalo. O papel da nobreza sempre foi o da guerra (*bellatores*) e da proteção aos outros dois estados (*oratores* e *laboratores*). Desta forma cabia aos membros desta classe zelar para que fossem tomadas as medidas necessárias para a defesa.

---

<sup>26</sup> Grupo de homens armados sob o comando de um homem rico com o objetivo de executar expedições ou guerras.

Os laços vassálicos forjaram uma força militar elitista onde o membro da nobreza era sagrado cavaleiro como a opção de servidão que lhe cabia. Assim:

[...] *Miles* e *militia* [...], [...] *vassu*, vassalo [...], *equus*, cavaleiro. Elas [palavras] aparecem nas manifestações que dizem respeito à fidelidade e ao serviço, na defesa e na ilustração da vassalagem, ou seja, de uma instituição que mantém o estatuto, mas limita a liberdade dos nobres.<sup>27</sup>

Não era o papel de um nobre cultivar a terra. Ele podia, contudo, se juntar ao clero, mas o juramento das mãos a outro senhor era o caminho natural principalmente se os aspirantes a cavaleiros fossem os filhos mais jovens dos senhores de terra. A posse de cavalos de guerra (este se diferencia do cavalo de arado), “classifica um homem como pertencente à elite”.<sup>28</sup> Portanto, possuir tais cavalos, armas e couraças eram possíveis apenas a ricos senhores (possuidores de 12 mansos)<sup>29</sup> ou àqueles que recebessem estes “presentes” de um suserano.<sup>30</sup>

A despeito de armamentos e couraças, o desenvolvimento no período carolíngio atingiu “progressos significativos”<sup>31</sup> de modo que “as inovações do armamento carolíngio aprofundam a distância entre combatentes”<sup>32</sup>. A importância das espadas e brúncias era tanta que foram publicadas Capitulares proibindo a exportação destes produtos para os viquingues. Concluindo, as inovações tecnológicas se deram para proteger o cavaleiro. Não foi a tecnologia que modificou a guerra, mas sim esta que aperfeiçoou aquela.

Todo este novo aparato militar influenciou o modo como as guerras se desenvolviam. Os conflitos passaram a ser “uma operação sazonal que se mistura a muitos acordos entre guerreiros nobres”.<sup>33</sup> As guerras se desenvolviam seguindo sempre um mesmo método onde a hoste adentrava um país, devastava, fazia cercos, e o inimigo nobre fugia ou se rendia com promessas de tributo e lealdade. Havia um juramento entre servo e senhor onde este se comprometia em defender aquele – “em relação e contra qualquer criatura que viva ou que morra, o homem

---

<sup>27</sup> BARTHÉLEMY, Dominique. (pág. 94).

<sup>28</sup> Ibid. (pág. 97).

<sup>29</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>30</sup> Cf.: BLOCH, Marc. (pág. 186).

<sup>31</sup> BARTHÉLEMY, Dominique. (pág. 99).

<sup>32</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>33</sup> Ibid. (pág. 104).

será defendido pelo seu senhor”<sup>34</sup> -, desta forma, os castelos e cidades fortificadas protegiam a população. Neste caso, os servos poderiam inclusive ser utilizados na luta caso fosse necessário.

Sobre o emprego específico da cavalaria, Bloch escreve:

Quanto ao combate, a carga de cavalaria tornou-se, certamente, das modalidades mais frequentes, mas não a única. Quando as condições do terreno o exigiam, os cavaleiros desmontavam e, para o assalto, faziam-se provisoriamente soldados de infantaria; a história militar da época feudal abunda em exemplos desta tática. Porém, na ausência de estradas convenientes ou de tropas treinadas nas manobras sabiamente combinadas que haviam feito a força das legiões romanas, só o cavalo permitia levar a bom termo, não só as longas jornadas impostas pela guerra entre os príncipes, como também as bruscas guerrilhas que os chefes, normalmente, gostavam de provocar; chegar depressa e sem grande cansaço ao campo de batalha, através de terras cultivadas e de pântanos; uma vez ali, confundir o adversário com movimentos inesperados; e até, se a sorte era adversa, escapar ao massacre por uma retirada oportuna.<sup>35</sup>

### 3.3. A influência da Igreja sobre a Cavalaria.

Esta força militar de elite sofreu influências da Igreja de modo que ao longo da Alta Idade Média foi sofrendo transformações que pouco a pouco levou à criação da Instituição da Cavalaria.

Por meio de leis específicas, a Igreja foi moldando a força militar de modo que a cavalaria como instituição já não possuía mais muitos traços da hoste da Germânia antiga. A influência da Igreja em todos os segmentos da vida medieval alcançou também a guerra.

Assim, regras foram editadas como, por exemplo, a “paz de Deus” (Concílio de Charroux – 989) e o decreto do Concílio de Narbona (25 de agosto de 1054) onde entre outras coisas dizia: “Um cristão que mata outro cristão derrama o sangue de Cristo<sup>36</sup>”. Desta forma, era evitada a vingança (luta) entre os cristãos (exceto quando envolvia questões de terras ou dívidas), o uso de armas muito violentas como, por exemplo, a besta e ainda a proibição de se lutar em alguns dias da semana – a chamada “Trégua de Deus” onde não se lutava a partir da quarta-feira à noite até o domingo - ou em algumas épocas do ano (Páscoa e Natal). Contudo, na prática isto não era respeitado o que acabou por tornar-se um dos

<sup>34</sup> BLOCH, Marc. (pág. 267).

<sup>35</sup> Ibid. (pág. 187/188).

<sup>36</sup> ROUSSET, Paul. **História das cruzadas**. Zahar Editores. Rio de Janeiro: RJ, 1980. (pág. 16).

motivos (mas não o principal como se sabe) que favoreceram a convocação das Cruzadas.

Desta forma, o percurso da cavalaria na História foi: de hoste na Germânia antiga a tropa auxiliar do exército romano. Depois passou por um processo de elitização no período carolíngio até transformar-se em instituição no período feudal. Esta força militar foi tão importante e influente que legou à humanidade *canções de gesta* onde a coragem do cavaleiro era exaltada (muitas vezes de forma ufanista), romances (Tristão e Isolda, e o satírico Dom Quixote de La Mancha, por exemplo) e mais recentemente inúmeros filmes onde retrata a vida e conduta de cavaleiros (a maioria sem muito rigor histórico). Do ponto de vista militar, a conduta e o espírito de nobreza dos cavaleiros é de certa forma ainda hoje replicada nos exércitos onde se vê, por exemplo, a entrega das espadas aos oficiais (distinguindo-os do restante da tropa) e os valores de honra e disciplina tão caros aos militares.

#### 4. CONCLUSÃO

Ao finalizar a pesquisa e discorrer de forma satisfatória sobre o tema pretendido pode-se concluir que o largo emprego da cavalaria nas guerras medievais não é simplesmente para obtenção de vantagem tática sobre a infantaria ou mesmo por uma evolução das técnicas de combate. Seu emprego foi fruto de um processo onde as relações sociais tiveram influências mais profundas que as questões militares.

A guerra medieval era antes de tudo ofício da nobreza. Desta forma, foi preciso um meio de elitizar esta arte de modo que o meio empregado foi o combate a cavalo. Assim, a tradição germana que diferenciava o combatente à cavalo do combatente à pé – este membro da tropa menos favorecida; aquele de origem familiar rica – foi mantida durante a Idade Média.

Contudo, não se deve nunca negligenciar o fator militar na ascensão da cavalaria. Exemplo disto é a preocupação com a fabricação de couraças e da forja de espadas cujo simbolismo vai além de sua utilização final (combate). O cuidado com a fabricação e a proibição da venda destes equipamentos foi motivo de publicação de Capitulares.

O elitismo que tomou conta da guerra medieval – em especial no período carolíngio - levou à criação de uma instituição que alcançou seu auge durante o período feudal, principalmente durante as Cruzadas e nos torneios que eram disputados entre cavaleiros (as justas). Esta instituição veria seus dias de glória ser ameaçados durante a Guerra dos Cem Anos (onde os arqueiros ingleses causaram derrotas avassaladoras contra os cavaleiros franceses) até ser substituída pela infantaria e voltar a ocupar um papel coadjuvante (mas nem por isso menos importante) nas guerras.

Ao final desta pesquisa, ao compreender a ascensão da cavalaria, ficam ainda muitos temas em aberto acerca desta Arma e seu emprego nas guerras medievais. Exemplo disto é um dos maiores eventos do medievo: as cruzadas. Uma análise profunda e detalhada sobre este ocorrido permitirá discorrer sobre o emprego da cavalaria já como instituição e mais, este conflito que mobilizou toda a cristandade atraiu não só cavaleiros, mas também pessoas pobres: camponeses e artesãos que, sem as condições da nobreza para se armarem com os melhores equipamentos ou ainda possuir uma montaria, serviram nestas guerras como tropa a pé. Este evento merece ser analisado, pois representou o início do fim da predominância da cavalaria nas guerras e ainda demonstrou que a guerra como sendo atividade exclusiva da nobreza estava com os dias contados.

Da mesma forma, a Guerra dos Cem Anos merece uma atenção especial, pois representou o fim melancólico da hegemonia da guerra à cavalo colocando a infantaria como protagonista novamente. Certamente, esta transição ainda levaria alguns anos, mas, era algo inevitável.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Pedro Cordolino F. de. **História Militar**. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca do Exército, 1998.

BARTHÉLEMY, Dominique. **A Cavalaria: da Germânia antiga à França do século XII**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010.

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. E-book. Disponível em: <https://portalconservador.com/livros/Marc-Bloch-A-Sociedade-Feudal.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2019.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. **A Cavalaria na Idade Média – Entre a guerra e a civilização**. Anais do I Encontro de História Militar Antiga e Medieval. Palacete Laguna, Maracanã, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 2011. Disponível em: <http://www.historiamilitar.com.br/wp-content/uploads/2017/08/RBHM-III-07.pdf>. Acesso em: 25 de maio de 2020.

C. JÚLIO CÉSAR. **Comentarii De Bello Gallico VII (65)**. E-book. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/cesarPL.pdf>. Acesso em: 25 de junho de 2019.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. 2ª Ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 2001.

GIORDANI, Mário Curtis. **História de Roma**. 18ª edição. Petrópolis: Vozes, 2012.

ROUSSET, Paul. **História das cruzadas**. Zahar Editores. Rio de Janeiro: RJ, 1980.

SOUZA, Neila Matias de. **Cavalaria, Igreja e Sociedade na Idade Média do século XIII**. In: XIV ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO. Rio de Janeiro, 19 a 23 de julho de 2010, UniRio. Disponível em: [http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/8/1276743072\\_ARQUIVO\\_artigoanpuhRioNEILA.pdf](http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/8/1276743072_ARQUIVO_artigoanpuhRioNEILA.pdf). Acesso em: 25 de maio de 2020.